

e precisam “se virar” diante dos desafios que o destino muitas vezes impõe. “Todos os personagens enfrentam obstáculos, assim como todos os seres humanos. Mesmo os personagens secundários serão desafiados em algum momento”, reforça a autora.

De acordo com Fabrício Boliveira, uma das qualidades de *Volta por cima* é a pegada suburbana carioca que reúne os subúrbios de todo o país. “A narrativa traz uma dinâmica de empatia, que é uma virtude do brasileiro que vai se reencontrando novamente na novela. Tem pegada de todos os subúrbios do Brasil, e a presença de atores diversos ratifica isso”, observa, referindo-se a atores e atrizes das regiões Norte, Sul e Nordeste e Centro-oeste no elenco. “São personagens que sempre têm algo a resolver, não são completos, e isso traz essa identificação com o brasileiro. São personagens carismáticos, tudo o que o brasileiro noveleiro gosta”, aposta o colega Amaury Lorenzo.

Após estrear duas produções ambientadas no Nordeste, Isadora Cruz surge em um papel bem diferente das mocinhas que viveu em *Mar do sertão* (2022) e *Guerreiros do sol* — que irá estrear no Globoplay em 2025. Em *Volta por cima*, ela vem como Roxelle, que, além de ser uma mulher que esbanja sensualidade, oferece a oportunidade à atriz paraibana de interpretar uma carioca. “Uma chance que é muito dada aos atores sudestinos, de representar nordestinos, mas que a gente não vê muito o caminho contrário sendo feito. Nordestinos fazendo sudestinos é algo raro”, festeja.

Na mão dupla — esse, aliás, era o título provisório da sinopse —, Juliano Cazarré faz o caminho inverso. Ele integra o elenco como Jayme, um motorista de ônibus da Viação Formosa, que serve de ponto focal para a trama. E, para alegria do ator, nascido em Pelotas (RS), o personagem é gaúcho. “É a primeira vez que eu faço um gaúcho. Foi um pedido que eu fiz à direção, que acatou e teve o aval da autora. E está sendo bacana porque dificilmente vemos um gaúcho fora do contexto regional”, explica o ator, que foi criado em Brasília, cidade onde também se formou.

Ao lado de Cazarré, o ator de ascendência indígena Adanilo viverá o manauara Sidney e declara: “Nunca existiu um personagem amazonense fora de um universo amazônico. Manaus tem uma ligação direta com o samba, e a periferia amazônica esbarra com a carioca”. Na trama, o motorista de ônibus é o melhor amigo de João e os dois têm uma forte ligação com o carnaval. “O povo em primeiro plano. A novela vem das pessoas, o colorido e o calor dos subúrbios, as culturas de um país que se encontram nesse microcosmo”, resume o diretor artístico, André Câmara.



Amaury Lorenzo e Isadora Cruz serão um casal apimentado



Isabel Teixeira mergulhou no universo da contravenção

Decadência e contravenção

Amanhã, o público será apresentado a uma família de aristocratas — os Góis de Macedo — que não aceitam que os tempos de fartura e glamour tenham ficado no passado. Hoje, os irmãos de uma tradicional família carioca Belisa, Joyce e Gigi — interpretados, respectivamente, por Betty Faria, Drica Moraes e Rodrigo Fagundes — não podem mais ostentar a vida de luxo que tinham, e isso gera diversas situações trágicas para eles, mas cômicas para o público. Como o fato de ter que voltar a andar de ônibus.

“O bonito nessa família é falar de pessoas comuns. A gente fala de diferenças de classes, falamos de privilégios, e é curioso como vem à tona o questionamento de quanto vale o dinheiro, quanto vale a felicidade. Isso fica muito claro nas cenas, porque é levado numa tocada muito humana. Não tem esse pernóstico da classe alta. Apesar de serem pessoas ricas desesperadas para manter o status, são três crianças mimadas e abandonadas. Eles têm picuinhas e afetos de família e, como toda burguesia do Brasil, mama no privilégio e não têm a menor noção de que é um privilégio”, defende Drica, que retorna ao horário que a revelou, na década de 1980.

Para a autora, é sempre válido discutir as diferenças sociais. “Esses ricos falidos terão que se adaptar aos novos tempos, eles viam o mundo de dentro de uma redoma e agora terão que sair para a vida”, argumenta Claudia Souto. “Os ricos têm preconceito de casta. A escravatura não acabou para certas elites. Eles são culturalmente antipáticos porque foram criados assim, faz parte da educação social e monetária deles. A casta não vai abaixar nunca porque eles foram educados em outro nível. Isso é uma coisa que existe e passa a ser engraçado na maneira como está sendo escrito”, completa a veterana Betty Faria.

Falando em aristocracia, *Volta por cima* trará um núcleo familiar com uma inusitada herança. Viúva de um grande contraventor, Violeta Castilho (Isabel Teixeira) vive com o filho, Baixinho (Rodrigo García), em um casarão no subúrbio do Rio

de Janeiro. “Existe toda uma construção hierárquica nesse núcleo e eu fui tentando entender onde a minha personagem está. Violeta faz parte da contravenção, foi criada por ela, é o natural dela. Ela é vilã para umas pessoas e vítima para outras. É uma sobrevivente em um meio machista e masculino”, assinala a atriz, que buscou inspiração em duas produções que abordam esse universo da contravenção: *Vale o escrito*, série documental lançada em 2023 pelo Globoplay, e a icônica série *Família Soprano* (1999-2007), sucesso da HBO.

Violeta e Baixinho são os responsáveis pela ameaça que leva o personagem Osmar a se apossar do bilhete de loteria premiado do cunhado. Para o ator que o interpreta, porém, o malandro não chega a ser um grande vilão. “É um personagem muito complexo. Ele vai ser amado e odiado. Osmar tem a função de vilão, mas ele é um típico brasileiro que é muito próximo. Ele é um cara legal, mas nada dá certo no que ele faz”, conclui Milhem Cortaz.

Volta por cima é uma novela criada e escrita por Claudia Souto, com colaboração de Wendell Bendelack, Julia Laks, Isadora Wilkinson e Juliana Peres. A direção artística é de André Câmara e a geral, de Caetano Caruso. A produção é de Andrea Kelly e Lucas Zardo, e a direção de gênero, de José Luiz Villamarim.